



COLEÇÃO

O PODER
DAS TREVAS

Bill Myers

COLEÇÃO
O PODER
DAS TREVAS

A Sociedade
Os Enganados
O Feitiço

1ª edição



RIO DE JANEIRO, 2008

A Sociedade

Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo.

EFÉSIOS 6.12-13



Os pulmões de Rebeca ardiam. Pediam mais ar e imploravam que diminuísse o passo. Mas ela não podia. Esforçou-se ainda mais, dando tudo o que tinha. Era preciso. Não havia nenhum som. Viu alguns garotos sentados ao lado da pista, abrindo suas bocas, provavelmente gritando palavras de estímulo, batendo palmas e dando apoio. Mas ela não podia ouvi-los. O que escutava era apenas sua própria respiração...pedindo mais ar. Ouvia também o som de passadas ligeiras de seus próprios tênis ao tocar o chão. Júlia Marcondes corria alguns metros à frente — era a esperança do time para vencer o campeonato. Júlia tinha uma graça e um estilo que faziam com que Rebeca se sentisse totalmente desengonçada. Mas tudo bem, isso não era um problema para ela. Beca, para os íntimos, não estava competindo com Júlia, mas com outra coisa.

“É o papai...”

Pela milésima vez, viu os olhos inchados e o nariz vermelho de sua mãe e ouviu a voz dela ecoando em sua cabeça. “Encontraram seu avião na selva. Ele conseguiu sobreviver à queda, mas...”

Beca arriscou-se, correu ainda mais. Seus pulmões pareciam explodir, mas a menina prosseguiu.

“Você tem...de aceitar,” sua mãe gaguejou. “Ele se foi, querida. Deve ter sido atacado por animais selvagens ou...ou...”

Beca apertou ainda mais os passos na pista. Esticou ainda mais as pernas. Sabia que o “ou...ou...” significava uma tribo de índios da América do Sul naquela região. Uma tribo conhecida por sua violência e pela prática de magia negra.

A garganta de Beca doeu. Não por causa da corrida. Por causa das lágrimas. E da raiva. Por quê? Por que Deus deixou isso acontecer? Por que Deus o deixou morrer? Ele era um homem bom, que tentava fazer coisas boas.

Furiosa, enxugou as lágrimas. Suas pernas doíam de cansaço. Foi invadida por um sentimento de perda, de falta de controle. Mas, mesmo assim, continuava a se esforçar. A essa altura, estava praticamente ao lado de Júlia. A linha de chegada ficava doze metros à frente. Fazer um teste para entrar na equipe de atletismo não tinha sido idéia de Beca, mas de sua mãe. “Isso vai ajudá-la a se encaixar no grupo,” dissera na ocasião.

Encaixar-se. Isso era uma piada. Rebeca passou a maior parte de sua vida nas cidades do Brasil com a mãe, o irmãozinho e um pai que entrava e saía da selva em um avião com grupos missionários e pessoas que prestavam ajuda humanitária. E agora, de repente, espera-se que ela se encaixe. Onde? Baía Grande? Aqui, onde todos tinham uma pele perfeita, corpos perfeitos e dentes perfeitos? Ah, isso para não falar da última moda, diretamente da *Vogue* ou da *InStyle* ou qualquer revista que estivessem lendo. A moda fez com que Beca se sentisse como se tivesse comprado suas roupas a partir das dicas da revista *Mecânica Popular*.

Ela havia se esforçado demais, se dedicado demais. As pernas, que não conseguia mais sentir, agora tinham seus próprios pensamentos. A perna esquerda torceu-se e perdeu a força completamente. Parecia um filme em câmara lenta, a que Beca assistia ao começar

a se inclinar. Por um momento, quase perdeu o equilíbrio. Quase, mas não totalmente. Tropeçou e começou a cair sobre a pista. Não podia evitar a queda — só esticar as mãos e levantar a cabeça para não arrastar o rosto no cascalho moído da pista.

Cotovelos e joelhos tudo bem, mas a cara não! Como se isso importasse.

Ela escorregou, caiu na pista, mas não sentiu nenhuma dor. Ainda não. A dor viria um segundo ou dois depois. Naquele momento, tudo o que sentia era vergonha. E humilhação. A humilhação a fazia corar até nas orelhas.

É isto: apenas mais um dia na vida de Rebeca Williams, “a mais nova idiota do pedaço.”



Logo que Sérgio, o irmão menor de Beca, entrou na livraria, percebeu que algo estava errado. Não que estivesse assustado, nervoso ou algo semelhante. Não tinha nada a ver com o que ele sentia. Tinha a ver com o próprio lugar.

Algo estava errado.

Mas por quê? Era com certeza um local bem alegre. A luz do sol entrava pela clarabóia. O tapete era verde-água. Prateleiras brancas com filas de livros coloridos. Havia também uma música de fundo — flautas e sinos.

Mesmo assim...

“Vai entrar ou o quê?” Era Dario. Sérgio o havia encontrado alguns dias antes, no almoço. Dario não era o jovem mais alto nem o mais atraente da escola — de fato, era praticamente o mais baixo e o mais “nerd.” Sua voz era tão alta que não se tinha certeza de que era ele mesmo falando ou o som estridente de um armário velho se abrindo. Ah! E tem mais uma coisa, Dario fungava. A cada trinta segundos. Você poderia acertar seu relógio por suas fungadas. Era algum tipo de alergia.

Mas, pelo menos, era amigável. E como todo garoto novo no bairro, Sérgio não podia ser muito seletivo na escolha dos amigos a quem podia juntar-se. Os novatos tinham de se contentar com o que havia.

Com o passar dos dias, Dario havia contado a Sérgio tudo sobre a Sociedade — um grupo secreto que se reunia depois da escola atrás da livraria Ascensão. Somente os mais descolados e populares podiam fazer parte dele (Sérgio não tinha acreditado muito nessa parte de “mais descolados e populares,” já que aceitaram Dario como membro. Mas não queria ferir os sentimentos do garoto. Então, não ligou).

“Oi, Priscila,” cumprimentou Dario enquanto caminhavam para a parte de trás da livraria.

“Oi,” disse uma linda mulher de meia-idade. Ela não havia tirado os olhos de sua revista até os dois garotos passarem. Quando levantou os olhos e viu Sérgio, sua face se transformou. Parecia não gostar dele de graça. Sérgio não disse nada, não tinha feito nada. Mas isso não importava. Havia algo nele que a incomodava — muito.

Sérgio permanecia alheio àquela reação enquanto seguia Dario em direção à entrada, atrás da livraria. Até então, sua primeira semana em Baía Grande tinha sido muito boa. Sem brigas. Sem ninguém quebrar o seu nariz. Uma quantidade mínima de ameaças de morte. Mas assim era com Sérgio. Ao contrário de sua irmã mais velha, ele sempre se integrava. Provavelmente tinha algo a ver com seu senso de humor. Sérgio era bem parecido com o pai nesse departamento; tinha um sorriso largo e travesso e uma resposta sarcástica para praticamente qualquer situação.

Era como seu pai em outro sentido também. Tinha uma profunda fé em Deus. Toda sua família tinha. Porém, não era nada cheio de regras e regulamentos. E definitivamente não era nada estranho. Tratava-se apenas de uma fé do tipo “Deus é o chefe, vá para a igreja e tente tornar o mundo um lugar melhor.”

Mas, algumas vezes, essa fé permitia que Sérgio sentisse algumas coisas. Coisas profundas. Como agora.

À medida que ele e Dario seguiam para a entrada, Sérgio esbarrou em um amplo arco decorado com plumas de águia. Desviou-se dele e logo bateu em um conjunto de sinos de madeira, fazendo um barulho enorme.

Nos últimos tempos, Sérgio não estava sendo muito delicado com as pessoas. Provavelmente porque havia crescido uns cinco centímetros nos últimos meses. Ainda era mais baixo do que Beca — algo que ela adorava lembrá-lo sempre que podia — mas estava crescendo mais do que ela a cada semana.

Enquanto estavam a caminho da entrada, Sérgio notou bugigangas e balangandãs pendurados na parede. Não podia tocá-los, mas lhe pareciam estranhamente familiares. Então, percebeu mais alguma coisa. Franzindo a testa, olhou ao redor. Seria sua imaginação ou estava ficando mais frio? Não havia nenhuma janela, nenhuma corrente de ar ou coisa parecida em nenhum lugar por perto. Algo dentro dele começou a sussurrar. *“Pare... vire-se... volte...”*

Mas por quê? Não tinha nada errado. Era apenas uma entrada. Apenas uma livraria.

“Aqui vamos nós.” Dario deu uma longa fungada, enquanto diminuía os passos em frente da última porta. Sorriu, levantou os óculos e bateu levemente.

Ninguém respondeu.

“Bem, parece que não tem ninguém em casa,” Sérgio disse, com um tom de gratidão na voz. “Acho que é melhor nós”.

“Não seja estúpido,” disse Dario, alcançando a maçaneta. “Eles sempre se reúnem às sextas-feiras.”

Com cuidado, empurrou a porta. Estava escuro como breu lá dentro, apenas com poucas velas acesas ao redor de uma mesa. E os rostos iluminados por elas. Rostos que Sérgio conhecia da escola. Todos olhavam atentamente para algo na mesa. Sérgio deu

uma olhada e viu um tipo de jogo de tabuleiro com um monte de letras e símbolos. Dois jovens tinham suas mãos em um ponteiro de plástico que se movia para frente e para trás.

“O que é isso?” Sussurrou Sérgio.

“O que você acha que é” Dario respondeu. “É uma tábua Ouija.”

“Uma o quê?”

“A gente usa para soletrar palavras. Você sabe, ela lhe conta sobre o futuro e coisas assim.”

Sérgio, cético, olhou para ele.

“Sem brincadeira,” Dario sussurrou.

Sérgio fez uma careta. Mesmo quando o colega falava baixo, sua voz parecia uma dobradiça enferrujada. Dario continuou, observando os outros. “O ponteiro se move até as letras na tábua, respondendo a qualquer coisa que você perguntar.”

“Está brincando,” Sérgio zombou. Pelo que via, o ponteiro se movia porque era empurrado por dois jovens, cujas mãos estavam sobre ele: um sujeito musculoso e uma menina bochechuda toda vestida de preto. “Aqueles dois, eles é que estão movimentando o ponteiro.”

Dario não respondeu. Simplesmente fungou e entrou na sala. Sérgio não queria segui-lo, mas acabou indo atrás dele.

E — de repente — o ponteiro parou. Por um minuto o pequeno ponteiro correu pela tábua, mostrando palavras. Em seguida, veio uma parada total.

“Ei,” reclamou uma linda menina, pondo seus cabelos ruivos e longos para trás. “O que há de errado?”

“Não sei,” respondeu o sujeito musculoso. Voltou-se para a companheira, a garota de preto. “Você o fez parar?”

“Eu não,” disse. Então, lentamente, ela se voltou para a porta e viu Sérgio. O olhar dela era gelado. “É ele.”

Todos se voltaram para Sérgio.

Ele levantou sua mão. “Oi,” murmurou, tentando sorrir. Ninguém sorriu.

“Pergunte à tábua,” exigiu a menina ruiva. “Pergunte-lhe se esse cara é o motivo de ter parado.”

“Isso,” o sujeito musculoso concordou.

A menina de preto inclinou-se novamente e fechou seus olhos. Seu cabelo era curto e negro — nitidamente tingido. “Por favor, mostre-nos,” disse ela de forma mais dramática do que Sérgio julgou ser necessário. “Mostre-nos o motivo de seu silêncio.”

Todos se voltaram para o ponteiro. Aguardando. Observando. Nada acontecia.

Sérgio tentou engolir, mas naquele momento não tinha nem saliva em sua boca. De repente, o ponteiro começou a se movimentar, mais rapidamente do que antes. De fato, tanto a menina quanto o sujeito musculoso olhavam surpresos pela forma como ia de uma letra a outra, quase sem parar em uma antes de partir para a próxima.

Em questão de segundos começou a soletrar:

M-O-R-T-E

Então parou. Abruptamente. Todos aguardaram em silêncio, com medo de se mexer, com medo de quebrar o encanto. A menina de preto limpou a garganta e falou novamente. Desta vez, porém, um pouco menos confiante. “O que você quer dizer? Que morte?”

Não houve nenhum movimento. Nenhuma resposta.

Sérgio se mexeu um pouco. Estava com aquela sensação de frio novamente, porém, desta vez, era mais real. Tinha substância. Subitamente, ele sabia que havia algo lá, naquela sala... Algo frio e físico realmente havia esbarrado nele. Tinha certeza disso.

A menina falou de novo. “Que morte? Alguém vai morrer? Morte de quem?”

Nenhum movimento. Mais silêncio.

E, então, exatamente quando Sérgio ia dizer algo inteligente para quebrar a tensão e mostrar a todos quão estúpida era essa

brincadeira, o ponteiro correu pela tábua e disparou para fora da mesa.

“Cuidado!” Dario gritou.

Sérgio pulou para o lado e o ponteiro caiu no chão, quase atingindo seu pé. Ele olhou para a menina de preto, certo de que tinha sido ela que havia arremessado o ponteiro contra ele.

A expressão na face dela, no entanto, mostrava que estava tão surpresa quanto ele.

Será que não tinha sido ela?



“Você está bem?” Júlia Marcondes perguntou, à medida que secava seu cabelo loiro com uma toalha e aproximava-se do armário do ginásio de esportes.

“Claro.” Rebeca assustou-se, enquanto puxava seus jeans sobre os joelhos esfolados. “Nada que um transplante de cérebro não possa consertar.”

Já fazia quase uma hora desde o pequeno desastre na pista de atletismo. Naturalmente, todos se reuniram ao seu redor, fazendo um grande alarde sobre a coisa toda e, evidentemente, ela queria sumir dali. Mas isso foi há uma hora. Notícia de ontem. Agora a maior parte das meninas tinha tomado banho e estava indo para casa.

Mas Júlia não. Parecia que havia ficado de propósito. Beca olhou para ela com curiosidade. Júlia tinha algo de amigável em si, algo de afetivo. Beca gostou dela logo de cara... apesar da garota ser uma das jovens mais atraentes da escola.

“O time realmente precisa de você,” comentou Júlia.

“Como o quê? Mascote?”

Júlia sorriu. Jogou seus cabelos para trás e pegou uma camiseta cara de grife.

“Sem brincadeira,” disse, “eu sou a única corredora de longa distância que temos. O Colégio Real tem três feras que acabaram comigo no campeonato estadual do ano passado. Se você trabalhar e aprender a se concentrar, nós duas poderíamos tentar uma revanche. Você tem resistência. Eu nunca vi ninguém com uma arrancada final tão boa como a sua.”

“Ou tão desajeitada.”

Júlia encolheu os ombros. “Você tem razão nesse ponto,” provocou.

Beca se percebeu sorrindo para a colega.

“Qualquer um pode aprender forma e estilo,” Júlia continuou. “É para isso que servem os técnicos. E se você acrescentar isso à sua corrida, poderemos vencer o campeonato estadual.”

Júlia estava remexendo em seu cesto do vestiário, mordendo os lábios e franzindo as sobrancelhas. “Droga... Não me diga que perdi.”

Beca secou os cabelos com uma toalha e, então, suspirou. Eles eram marrom-cor-de-rato e iriam secar muito mais rapidamente do que os de Júlia. O motivo era simples. Os cabelos de Beca eram mais finos. É isso mesmo, mais uma das peças pregadas pela vida, e ela era a vítima.

A busca de Júlia no cesto tornou-se mais intensa.

“O que você está procurando?”, perguntou Beca.

“Minha bolsinha...” Havia uma preocupação explícita em sua voz, enquanto remexia em suas roupas.

“Bolsinha?”

“Meu amuleto de sorte.”

Beca não entendeu bem o que Júlia queria dizer, mas deu uma rápida busca pelo banco.

“Só espero que ninguém tenha roubado,” disse Júlia.

Beca reconheceu algo embaixo do banco. Estava meio coberto pelas toalhas. Ela apanhou e retirou uma pequena bolsa de couro que tinha pedras ou areia no seu interior. Uma fita de

couro estava presa na parte de cima, de forma que poderia ser usada como um colar.

“É esta?” Perguntou.

Júlia relaxou. “É essa mesmo, que legal.” Ela pegou e pôs ao redor do pescoço.

Beca olhou, lutando contra uma onda inquietação. Tentou parecer casual quando perguntou, “O que tem nela?”

“Não sei.” Júlia disse, encolhendo os ombros.

“Uma pedra turquesa, alguns pozinhos e ervas — esse tipo de coisa. Uma senhora da Ascensão juntou tudo para nós — você sabe, para dar sorte.”

“Uma senhora da Ascensão?” Beca perguntou.

“Isso,” Júlia apontou para a pequena bolsa. “Claro que não acredito em nada disso. Mas com as fases eliminatórias se aproximando, nunca é demais ter uma ajudazinha de fora, né?”

A mente de Beca estava a mil. Queria fazer um monte de perguntas sobre a bolsa e essa senhora da Ascensão, mas Júlia não deu chance.

“Olha, a gente se vê na segunda,” disse, apanhando sua mochila.

“E não fique triste, você foi bem. Além disso,” disse com um sorriso largo e travesso, “podemos sempre precisar de uma boa mascote.”

Beca forçou um sorriso.

“A gente se vê por aí.” Júlia desapareceu no meio dos armários e empurrou a grande porta dupla, que fez um estrondo enorme atrás dela.

Beca nem se mexeu. Sentou-se, sozinha... só ela e as toalhas. Seu sorriso havia desaparecido. Não por causa da dor em seus joelhos ou da lembrança de sua queda. Era por causa da bolsinha. Ela havia visto bolsinhas como aquela antes. Na América do Sul. Mas não eram adolescentes bonitas, ricas e atléticas, desejosas de participar de campeonatos de atletismo que as usavam. Eram usadas por feiticeiros que adoravam demônios.